

AS REPRESENTAÇÕES DO “EU DOCENTE” NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL: COMO OS(AS) DOCENTES SE PERCEBEM

Kelliane Medeiros de Lima (1); Wilson José Félix Xavier (2)

Universidade Federal da Paraíba, kmlkellimedeiros2009@hotmail.com (1); Universidade Federal da Paraíba, wilsonjfelix@bol.com.br (2).

RESUMO

Sabe-se que quando se fala em identidade, identidade docente e autoimagem nos vem em mente algo que se é construído com o tempo, através de vivências e experiências, pessoais e profissionais que passamos ao longo de nossas vidas. Diante disso o presente trabalho tem por objetivo analisar como se dá a construção da identidade docente de professores(as) da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e como estes professores e professoras se vêem. A pesquisa foi realizada com duas professoras e um professor de três escolas pertencentes à rede pública estadual dos Municípios de Remígio e Areia – PB respectivamente, tendo como fonte de obtenção dos dados uma entrevista individual e a realização de um grupo focal, em ambos os casos foi utilizado o método de foto-elicitação. De acordo com os dados obtidos foi possível notar como os docentes se autopercebem em relação a sua identidade docente e como essa percepção é construída. Foi perceptível também ver como os(as) professores(as) se sentem em relação a modalidade EJA como também ao ensino regular. Diante disso pode-se concluir que alguns dos(as) entrevistados(as) se sentem bastante a vontade em lecionar tanto no ensino regular como na EJA, e teve aqueles(as) que não se sentiam bem em lecionar na modalidade EJA, que se via apenas ensinando a uma turma, ou seja, se sentia bem em ensinar apenas no ensino médio regular. Conclui-se também que as suas vivências e experiências na sala de aula serviram de instrumento para a construção de sua identidade docente como também na construção de suas autoimagens.

Palavras-chave: Identidade Docente. Autoimagem. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz parte de resultados parciais do trabalho de conclusão de curso, do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, apresentado à Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Sendo assim, este artigo é fruto de pesquisas realizadas sobre o tema da identidade docente e, como se dava sua construção, bem como, a construção da imagem do(a) professor(a) de Ciências e Biologia da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Diante disso, primeiramente é preciso entender o que é a identidade de alguém. De acordo com Dubar (1997):

A identidade de alguém é, no entanto, aquilo que ele tem de mais precioso: a perda de identidade é sinónimo de alienação, de sofrimento, de angústia e de morte. Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no acto do nascimento: constrói-se na infância e deve reconstruir-se sempre ao longo da vida. O indivíduo nunca a constrói sozinho: ela depende tanto dos julgamentos dos outros como das suas próprias

orientações e autodefinições. A identidade é um produto de sucessivas socializações. (DUBAR, 1997, p.4).

Como vimos na fala do autor, a identidade é algo construído ao longo da vida através do contato social com outras pessoas e nas diversas instituições, e que se a perdermos causará sofrimento e angústia. Tudo o que vivemos desde nossa infância até os dias atuais irá contribuir para esta construção.

Porém, também é preciso saber o que é a identidade docente, i.e., a identidade de um(a) professor(a). Para isso podemos consultar Nóvoa et. al (1995), que nos diz que “a identidade não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto, a identidade é um lugar de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Ou seja, a identidade docente se dá através de tudo aquilo que vivemos durante a execução de nossa profissão, tudo o vivenciamos dentro da sala de aula, na convivência com nossos alunos. É através desta afirmação que Nóvoa diz que é mais apropriado utilizar o termo “processo identitário” ressaltando a maneira como cada um se diz e se sente professor(a), e que esta identidade necessita de tempo para ser construída. (NÓVOA et. al,1995).

Como vimos tanto a identidade como a identidade docente é algo que vai se construindo ao longo dos anos e de tudo que vivemos nestes anos. Mas, como realmente nós nos vemos? Como o(a) professor(a) se vê?. Assim como a identidade docente, a nossa autoimagem como docente é construída através dos anos de profissão, a forma como agimos dentro e fora da sala de aula, etc. Arroyo (2011) vem nos falar que nossa vida pessoal se mistura com nossa vida profissional:

Problematizar-nos a nós mesmos pode ser um bom começo, sobretudo se nos leva a desertar das imagens de professor que tanto amamos e odiamos. Que nos enclausuram, mas do que nos libertam. Porque somos professores. Somos professoras. Somos, não apenas exercemos a profissão docente. Poucos trabalhos e posições sociais podem usar o verbo ser de maneira tão apropriada. Poucos trabalhos se identificam tanto com a totalidade da vida pessoal. Os tempos de escola invadem todos os outros tempos. Levamos para casa as provas e os cadernos, o material didático e a preparação das aulas. Carregamos angústias e sonhos da escola para casa e de casa para escola. Não damos conta de separar esses tempos porque ser professoras e professores faz parte de nossa vida pessoal. É o outro nós. (ARROYO, 2011, p.27)

Como observamos nesta fala, é praticamente impossível separar a imagem pessoal da imagem profissional, uma estar diretamente ligada à outra. Estaremos sempre interligando uma imagem a outra. Podemos dizer que ser professor(a) é muito mais do que apenas dar aulas, é estar envolvido de corpo e alma nesta profissão.

Diante disso, o presente trabalho tem por objetivo analisar como se dá a construção

da identidade docente de professores(as) da EJA e como estes professores e professoras se veem.

METODOLOGIA

A presente pesquisa é caracterizada por ser uma investigação de abordagem do tipo qualitativa que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70) “considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números”. Este tipo de pesquisa não requer dados estatísticos, sendo mais descritiva e interpretativa.

Em termos de procedimento, este trabalho pode ser caracterizado como uma pesquisa de campo é “utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p. 59)

A pesquisa foi realizada com professores e professoras de três escolas públicas estaduais, sendo duas das escolas localizada na cidade de Remígio e a outra localizada na cidade de Areia, ambos os Municípios localizados no estado da Paraíba. Foram utilizados como recursos de coletas de dados uma entrevista individual e a realização de um grupo focal, em ambos os métodos foi utilizado o método de foto-elicitação, no qual foi mostrado imagens aos entrevistados de diversos tipos de professores(as), na qual os mesmos deveriam dizer com quais se identificavam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

EXPERIÊNCIAS NARRATIVAS E DE PERCEPÇÃO EM UM GRUPO FOCAL

A partir dos debates realizados através do grupo focal com as professoras E1 e E2 pudemos perceber um pouco como elas se vêem. Para iniciar a conversa perguntamos qual imagem elas tinham de si mesmas. Enquanto professoras, as entrevistadas E1 e E2 se auto intitularam como “professoras mediadoras e inovadoras”.

E1: Eu acho assim, que a gente tenta fazer aquele termo de mediação entre o aluno e o professor, então, fazendo com que a gente tenha... [gestual e fisionomia de E1 indicando procura de palavras na memória, sem encontrar]

E2: [interrompendo a fala de E1] ... bom relacionamento com o aluno e ao mesmo tempo manter uma certa disciplina na sala, precisa ter uma conversação entre o professor e o aluno, você ter o respeito do aluno e

ao mesmo tempo ter um bom diálogo[...] (Grupo focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Como podemos observar as entrevistadas se vêem como professoras abertas ao diálogo com os seus alunos, pois acreditam que dessa forma manterão um bom relacionamento com eles. Diante disso podemos perceber como, para alguns(mas) docentes o quão importante é o diálogo, a conversa entre o educador e o educando, isso pode fazer que ambos se conheçam, se interajam e principalmente se respeitem. A relação entre educador e educando deve ser de harmonia para que assim ambos possam alcançar os seus objetivos. No caso das professoras o diálogo não é só uma prática pedagógica, mas aparece também como um valor positivo na figura de um(a) educador(a)

Ao questionar sobre a diferença entre ensinar uma turma de Ensino Fundamental ou Ensino Médio regular para uma turma de EJA, a professora E1 diz que “a turma de EJA requer um pouquinho mais de delicadeza, de atenção, porque, principalmente eu, que pego turmas de senhoras e senhores”. Já em relação à turma de Ensino Médio a professora E1 diz que “[...] uns são mais centrados em vestibular, e da EJA não, eles só querem terminar [...]”. Já a E2 fala que “é totalmente diferente, a sintonia da turma do Ensino Médio de EJA para o Ensino Médio regular [...] não existe uma bagunça [...] eles são bem mais centrados, o contexto da sala é diferenciado [...] as brincadeiras, as conversas [...]”.

Como podemos observar em E1 há uma visão de que uma parcela dos(as) estudantes do Ensino Médio, pensam em prosseguir com os estudos e quem sabe até fazer o vestibular e cursar uma universidade e os alunos da EJA querem apenas terminar os estudos, embora tenha alguns alunos que fazem cursos técnicos. A E2 focou mais na dinâmica da turma, se são mais concentrados ou se são mais “bagunceiros”, o diálogo se diferencia entre uma turma e outra.

Diante da fala, podemos perceber que há uma diferença entre turmas de EJA e Ensino regular, porém, isto não quer dizer que os alunos da EJA só querem terminar os estudos enquanto os alunos do ensino regular querem ir além e procurar um vestibular. Há alunos de EJA que visam continuar seus estudos e cursar uma faculdade. Esta visão de E1 se dá devido ela ter uma turma de EJA com mescla de alunos com faixa etária diferenciada, ou seja, a turma tem pessoas com uma idade mais avançada e poucas pessoas com uma idade mais jovem. Então, não podemos dizer que todos(as) as pessoas que fazem EJA só querem terminar os seus estudos, pois, terá também aqueles(as) alunos que querem ir além do ensino médio.

Ao serem questionados sobre como elas acham que a sociedade vê o(a) professor(a) a E2 disse que a sociedade vê o professor “como um instrumento

de ensino, de aprendizagem, que de certa forma é um instrumento de ensino, que na realidade não é, tão reconhecido. É como se tivesse a obrigação só de ensinar, se o aluno não aprende a culpa é do professor, agora se o aluno aprende nem sempre é o professor o incentivador [...]”.

Ao perguntar como deve ou deveria ser o(a) professor(a) da EJA as entrevistadas 1 e 2 disseram que “o professor precisa ter uma delicadeza com o alunado [...] pois eles tem suas dificuldades[...]”, ou seja, o(a) professor(a) da EJA tem que levar em consideração as dificuldades que a turma apresenta, não pode exigir mais do que a turma pode oferecer.

Durante o grupo focal elas sempre disseram que têm todo um cuidado especial com as turmas da EJA, uma vez que, em sua maioria atende pessoas com idade um pouco mais avançada e têm uma dificuldade maior em assimilar o conteúdo, então elas disseram que preparam as aulas o mais básico possível, pois preferem que eles aprendam, nem que seja um pouco, ao invés de sobrecarregá-los com muito conteúdo e eles não aprenderem nada como disse a E2 “ que também não adianta você só jogar o assunto e o aluno num absorver nada”.

Durante o grupo focal as duas professoras entrevistadas disseram que era muito bom ensinar tanto na EJA quanto o ensino regular, pois tal experiência permitiria a ambas ter uma visão dos “dois lados da moeda”, referindo-se ao Ensino Médio regular e ao ensino médio na modalidade EJA.

Quando perguntamos se o educador de EJA tem uma identidade própria a entrevistada E2 falou:

Sim, que ele tem que ter uma visão diferenciada. Sim, ele tem que conseguir absorver a turma, é, ter uma noção de como é a turma, claro que ele não vai agir igual a ele age com a outra turma do Ensino Fundamental, Ensino Médio normal, ele tem que ter outra identidade, uma outra visão, a gente tem que olhar para o aluno e ver o que ele precisa[...]”. (Grupo focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Enquanto a E2 diz que o professor de EJA tem sim uma identidade e a E1 concorda com ela.

Já quando questionamos qual seria esta identidade a entrevistada E2 falou “acho que é isso que a gente tinha falado, ter um olhar diferenciado, ter uma delicadeza, ter uma preparação diferente, vai ser sempre assim, a gente vai ter que fazer uma sondagem para ver como é a turma, o que, que a gente vai dar, como é que a gente vai dar[...]”. A entrevistada E1 concordou e complementou “preparar todos os conteúdos para ver de que maneira eles entendam bem”.

REFLETINDO SOBRE UMA PERCEPÇÃO DIFERENTE: ENTREVISTA COM UM PROFESSOR INICIANTE EM EJA

A experiência junto ao professor E3 foi totalmente diversa da dinâmica do grupo focal, bem como, os posicionamentos foram muito diferentes, mostrando como as percepções de docentes acerca de sua imagem podem variar bastante. Vale ressaltar que não aplicado com E3 a dinâmica do grupo focal por questões de incompatibilidade de horário entre os mesmo e as demais participantes, por isso, foi utilizada a entrevista individual com E3.

Uma vez questionado acerca da sua autoimagem enquanto professor de EJA, o entrevistado E3 disse que se tornou uma pessoa mais “séria”, como podemos perceber no trecho a seguir:

[...] se eu for me comparar quando eu comecei a lecionar aqui na escola, hoje eu tenho uma imagem mais séria, mais centrada naquilo que eu realmente quero, porque quando eu comecei aqui na escola, eu era imaturo e não tinha o pensamento formado, hoje devido à maturidade, depois do tempo de lecionar, hoje posso dizer que eu sou uma pessoa mais séria, em relação ao ato de lecionar. (Entrevistado E3, entrevista concedida dia 08/11/2016).

Como observamos E3 diz que mudou sua forma de lecionar com a maturidade, se tornando uma pessoa mais centrada e séria em seu trabalho, e que esta seriedade foi adquirida com a experiência. Dessa forma podemos perceber que a experiência adquirida com o tempo faz de nós professores e professoras uma pessoa mais focada naquilo que queremos e que fazemos. A seriedade adquirida com o tempo pode nos fazer educadores mais focados e com mais maturidade.

Guarnieri (apud Nogaro e Dall’Agnol 2003, p. 15) diz que:

a idéia de que é no exercício da profissão que se consolida o processo de tornar-se professor, ou seja, o aprendizado da profissão a partir de seu exercício possibilita configurar como vai sendo constituído o processo de aprender a ensinar. Tal construção ocorre à medida que o professor vai efetivando a articulação entre o conhecimento teórico-acadêmico e o contexto escolar com a prática docente.

Como observamos na citação acima, é exercendo a profissão que podemos solidificar a arte de ser professor, ou seja, é através da prática que vamos aperfeiçoando o processo de aprendermos a ensinar, a experiência vivida no ambiente escolar nos faz cada vez mais a aprendermos a arte ensinar.

Ainda sobre experiência escolar, Nogaro e Dall’Agnol, (2003, p.15) nos fala que “A experiência é algo que sem dúvida vai contribuindo cada vez mais com a melhoria da prática e da teoria do professor”. Diante disso, podemos perceber o quão importante a prática é para nossa construção profissional e que as experiências que adquirimos com esta prática pode nos tornar profissionais mais preparados no exercício desta profissão.

Logo em seguida, procuramos saber como o referido professor percebia a diferença

entre o Ensino Médio regular e o Ensino Médio EJA. Ao fazer esta pergunta a E3 ele disse que:

A principal diferença é em relação ao interesse dos alunos, que quando você se depara com uma turma de EJA, e você já ensinou uma turma de Ensino Médio normal eles têm um objetivo comum, não só terminar o Ensino Médio, mas a [...] grande maioria hoje tem a visão da universidade, e quando você vai ensinar a EJA você ver que [...] a grande maioria do EJA eles só querem terminar o Ensino Médio, são pessoas voltadas mais para a área do trabalho, pessoas de uma idade mais avançada [...]. (Entrevistado E3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Para E3 a sociedade não respeita o professor como deveria, e acredita que não há mais respeito entre sociedade e professor, que até mesmo os pais não se interessam pelo o que seus filhos fazem na escola.

Nesta perspectiva de como a sociedade percebe o(a) professor(a) podemos notar que as fala do docente se aproxima das reflexões de Arroyo (2011) as quais ele nos fala que a sociedade tem uma visão meio que distorcida do que é o(a) professor(a). Alguns nos vêem como pessoas badernistas, como pessoas que vão a rua fazer zoada, onde na verdade eles estão ali reivindicando os seus direitos. Arroyo (2011, p.15) ainda se pergunta “Por que apenas nos vêem como docentes que ensinam, aprovam-reprovam e não sabem ensinar sem reprovar?”, esta pergunta nos faz pensar se somos realmente este tipo de professor que não sabemos ensinar sem reprovar o aluno, será que somos este instrumento de ensino que a E2 já havia falado no grupo focal?

Contudo uma das coisas que mais chamaram a atenção é uma visão um tanto pessimista de E3 com relação à EJA e o exercício constante de comparação entre o ensino regular e a EJA, no qual há sempre uma valorização positiva do ensino regular quando confrontado com a EJA:

Eu, acima de tudo ele devia, eu acho que o... [expressão de quem procura palavras] professor da EJA não deveria dar aula em outras, em Ensino Médio. Ele deveria ser um professor unicamente da Eja, ou seja, se esse, se um determinado ano letivo ele só for dar aula ao EJA, só ao EJA, que isso é quase impossível, por causa da carga horária, mas muita coisa que interfere no, na alto estima do professor é exatamente isso, quando você tem uma turma do Ensino Médio que eles têm um objetivo em comum, e você vai pro EJA e ver a realidade totalmente diferente, então quando você se depara só com essa situação é mais fácil, eu acho, a pessoa se trabalhar, conseguir trabalhar melhor e tentar mudar essa situação, o pensamento do aluno da Eja. Mas quando você tem trabalhar os dois, aí você acaba se desestimulando então, prestando a atenção em mais uma turma que tem um interesse maior. (Entrevistado E3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Como podemos observar na fala acima existe uma diferença entre a visão das entrevistadas no grupo focal e a percepção do professor entrevistado, o que não significa dizer que vamos abordar essas visões do ponto de vista dos valores: quem está errado ou certo. Cabe lembrar, porém, que o professor E3 é o que tem o menor

tempo, aproximadamente dois anos, de experiência com a modalidade EJA, já que tem pouco mais de um ano que a escola a qual ele leciona trabalha com esta modalidade. Já as entrevistadas E1 e E2 têm um pouco mais de experiências com estas turmas, talvez isso faça com que elas tenham esta visão da EJA.

Assim, continuando nossa análise, podemos perceber na fala de E3 que ele não se sente à vontade em ministrar aulas para turmas de EJA, como ele próprio diz acaba se “desestimulando” como professor, já com as turmas do Ensino Médio regular ele se sente mais à vontade. Para ele seria mais confortável dar aulas apenas só para a EJA ou só para o ensino regular, pois assim não ficaria comparando uma turma com a outra. Ao que parece, o professor E3 não consegue se perceber enquanto tendo uma identidade de professor de EJA, muito embora pareça reconhecer a existência dessa identidade.

Talvez por isso mesmo, o entrevistado E3 foi categórico ao afirmar que o professor da EJA não tem uma identidade própria, falando que “Não, não tem, a gente tende a ficar se moldando, tá “ melhor se adequando a situação”. Neste caso vemos uma contradição entre os entrevistados. O entrevistado E3 falou ainda que:

Seria o que, muitas vezes é a gente vem dar aula ao Ensino Médio como eu dou, e a gente, tem já o perfil, o traçado de como vai ser a sua aula durante o dia. Então, quando é que a gente muda a identidade? É quando a gente chega no Eja e vê que do jeito que a gente tenta fazer no Ensino Médio não dá, né, então acaba, você acaba se modificando da seguinte forma, seu humor, certo, sua maneira de ensinar, ou seja, as vezes você fica como se rebaixando também pra se aperfeiçoar a aquele publico, aquele alunado. (Entrevistado 3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Diante desta fala podemos perceber que ela se confirma com a fala anterior do entrevistado E3, na qual ele sempre faz comparação entre as turmas de EJA e as turmas de Ensino Médio regular. Observamos na fala acima que ele afirma que dar aulas ao Ensino Médio é mais confortável, uma vez que, como ele mesmo diz já tem “o perfil, o traçado”, já sabe como será sua aula, e com a EJA não, ele não sabe como se dará sua aula, como será a reação da turma diante da sua aula. Ele chega a dizer que dar aulas às turmas de EJA é como se tivesse se rebaixando, ou seja, como se fosse uma diminuição de sua posição profissional.

DIANTE DA IMAGEM: ABORDANDO OUTRAS PERCEPÇÕES DOCENTES DIANTE DE IMAGENS VISUAIS (FOTO-ELICITAÇÃO)

Ao final do grupo focal e da entrevista individual foram mostradas onze imagens mostrando várias imagens de professores(as) aos entrevistados, e foi pedido que eles avaliassem cada uma das imagens e dissesse com qual(is) da(s)

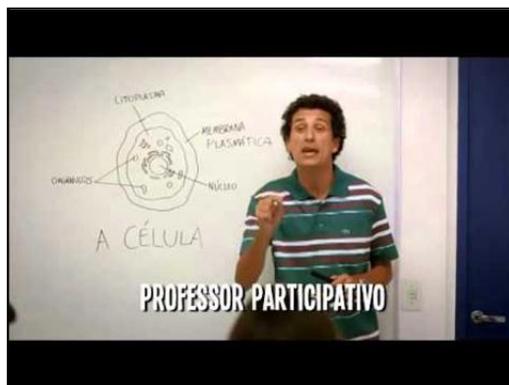
imagem/imagens eles(as) se identificavam e explicasse o porquê das imagens escolhidas.

As professoras E1 e E2 escolheram a imagem 6 e a imagem 8. A imagem 6 (Figura 1) porque elas se consideram professoras participativas uma chegou a dizer que a imagem é a “cara dela”, que se viu na imagem, até porque a imagem traz o desenho de uma célula. Também disseram que disciplina de Biologia/Ciências requer ilustração, desenhos, pois não basta apenas explicar o conteúdo, tem que mostrar, o aluno precisa ver para entender o conteúdo que está sendo mostrado, ministrado em sala.

E2:[reação da entrevistada é de surpresa ao ver a imagem] Ah! Porque eu já me vi ali na imagem, um professor que consegue transmitir, de certa forma, fazer uma ilustração bacana pro aluno, eu acho que isso conta muito, principalmente na disciplina da gente, o aluno precisa visualizar pra poder entender, num adianta eu ta falando célula, membrana plasmática, núcleo, tal tal, eles não vão entender, então eu tenho que ter a imagem pra eles poderem visualizar, poder entender o que eu tô falando. (Grupo Focal realizado com E1 e E2 no dia 02/11/2016).

Como podemos ver na fala de E2 ela fica surpresa ao se deparar com a imagem o que pode significar a sua satisfação com o seu modo de agir em sala de aula. Na percepção de E2, um professor participativo faz com que seus alunos sejam participativos também.

Figura 01 – Imagem do álbum de foto-elicitación



Fonte: <http://beegfree.org/search/?q=tipos+de>

Já a escolha da imagem 8 (Figura 2) pelas entrevistadas foi porque elas disseram que é o melhor momento da aula, ou seja, é o momento em que o aluno participa, mostra o que aprendeu e o que não aprendeu na aula, é o momento que o(a) professor(a) vê se o seu modo de “passar o conteúdo está correto”. É neste momento que o aluno tira suas dúvidas e que o(a) professor(a) sacia a vontade do aluno de querer mais informação sobre o assunto visto em sala.

Figura 02 – Imagem do álbum de foto-eliciação



Fonte: <http://cultura.culturamix.com/ensino/as-abordagens-de-ensino>.

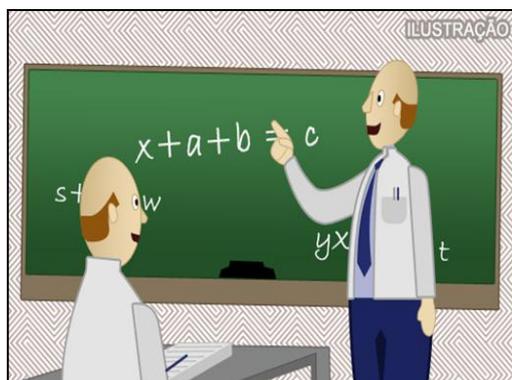
Acredito que esta participação do aluno em sala se dá pela liberdade que o(a) professor dar em sala de aula para seus alunos. Esta liberdade me vem em mente o que Paulo Freire dizia quando comparava a educação bancária com a educação libertadora, na qual a primeira o educador deposita seus conhecimentos em seus alunos, ou seja, só ele sabe e o aluno tem que aprender aquilo que ele está dando sem poder questionar. Já a segunda é o contrário, o educador já não deposita seus conhecimentos no aluno, neste caso o aluno tem voz e vez em sala de aula, ele pode questionar e tirar suas dúvidas, tornando-se assim educandos mais críticos e conscientes de seus deveres e direitos.

Ao mostrar as imagens ao professor E3 ele escolheu as imagens 6 e 7. A imagem 6 (Figura 1) porque ele se acha um professor participativo no sentido de ajudar os alunos em suas dificuldades, ou seja, se o aluno da EJA tem dificuldade em uma outra disciplina que acaba tendo um envolvimento com a disciplina de Biologia, ele disse que tenta suprir esta carência ajudando o aluno com uma revisão. Ele citou um exemplo: “quando eu, tou dando” aula de Genética, às vezes eu preciso de uma revisão de Matemática, mesmo não sendo minha obrigação”.

Já a escolha da imagem 7 (Figura 3) ele falou que é o que ele faz, ou seja, ele é de trabalhar individualmente com o aluno. Quando o aluno tem alguma dúvida ele disse que vai até o aluno e fica diretamente com ele tentando sanar a dúvida que ele possa ter.

Por que é justamente isso que eu faço, eu trabalho muito com o aluno individual, sabe às vezes a gente tá com, eu tenho 15 alunos na sala de aula, eu vejo que um tá com interesse maior e os outros não, não professor a gente já entendeu isso e aquilo, eu pego e olhe o que você tá com dúvida, aí vou e fico diretamente com ele porque eu vejo que ele quer sanar aquela dúvida que ele tá tendo. Então, eu faço mais ou menos essa imagem aí de pegar o aluno só e trabalhar com ele. (Entrevistado 3, entrevista concedida no dia 08/11/2016).

Figura 03 – Imagem do álbum de foto-elicitación



Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/Brasil/foto/0,,20750258-EX,00.jpg>

Como podemos observar cada professor tem sua própria percepção sobre os seus atos dentro de uma sala de aula. Cada um(a) se vê de uma forma, mesmo que tenham escolhidos imagens representativas iguais, as formas com praticam o que a imagem representa é diferenciada de professor(a) para professor(a). Cada professor ou professora tem suas particularidades, mesmo que em alguns momentos seus pensamentos coincidam com os pensamentos de outros(as) professores(as), como ocorreu com E1 e E2, mas também pode ocorrer visão diferenciada como foi com E3. Cada um(a) através de suas experiências e de sua história, constrói sua autoimagem como docente, e esta construção se dará a cada dia na convivência com seus alunos e alunas no ambiente escolar.

CONCLUSÕES

Diante de tudo que foi visto, no decorrer desta pesquisa podemos concluir que, cada professor ou professora tem uma visão em relação a turmas de EJA ou de Ensino Médio ou Ensino Fundamental regular. Cada um tem sua própria identidade, e que esta identidade foi construída a partir de seus anos de experiências em sala de aula. Uns se identificam mais com a modalidade EJA, outros se identificam mais com o ensino regular, bem como também podem se identificar com ambos. Então, podemos perceber que cada identidade é única, cada turma merece um olhar diferenciado, porém não menos importante. Também podemos observar que cada vivência de cada professor(a) faz com que cada vez mais sua identidade docente seja construída mais fortemente a cada dia.

Em relação as suas autoimagens concluímos que todos os(as) entrevistados(as) se veem como docentes participativos, que estão sempre buscando uma interação maior com suas turmas fazendo assim que haja uma contribuição conjunta, trocas de conhecimentos, etc,. E que cada docente procura sempre repassar o conteúdo de forma que todos aprendam. Também foi possível compreender que nem todo(a) professor(a) se identifica com a modalidade EJA, seja por ter tido pouco contato com esta modalidade, ou simplesmente por não se ver ministrando aulas para jovens e adultos ao mesmo tempo. Desta forma é perceptível que sempre possamos olhar para nós mesmos, seja como pessoa ou como professor (a), nos autoanalisarmos para que assim possamos enxergar que tipo de educadores(as) estamos sendo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 13.ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2011.

DUBAR, C. **A socialização. Construção das identidades sociais e profissionais**. Porto: Porto Editora, 1997, 190p. Disponível em:

<http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:jaI6h55ebWcJ:scholar.google.com/+dubar&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&as_vis=1>. Acesso em 9 de setembro de 2016.

NOGARO, A.; DALL'AGNOL, A. Imagens e Auto-imagens: uma análise sobre representações da profissão docente. **Revista Perspectiva**, v. 27, nº 99, 2003. Disponível em:<<http://nogaroaprendizagem.blogspot.com.br/2008/04/imagens-e-auto-imagens-uma-analise-sobre.html>>. Acesso em Outubro de 2016.

NÓVOA, A. et. al. **Vida de Professores**. 2ª ed. porto editora, Portugal, 1995. 214 p.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas de pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.